

DISCURSOS MIDIÁTICOS HETEROTOPIA E A RESSIGNIFICAÇÃO DA CIDADE DE SÃO LUÍS NO ESPAÇOS DIGITAL

Marcelo Fábio Peixoto de Araujo Andrade da Silva¹
Mônica da Silva Cruz²

Resumo: Segundo Carvalho (2014), nos últimos anos, estudos sobre as cidades consideradas históricas vêm se desenvolvendo na área da Análise do Discurso (AD) no que concerne aos processos discursivos de significação de suas identidades. Assim, este estudo busca identificar discursos que compõem as identidades da cidade de São Luís em mídias digitais, verificando também se existe uma ou várias identidades para a capital maranhense, caracterizando-a assim, numa visão foucaultiana, como um espaço heterotópico, no qual identidades diversas convivem dentro de um mesmo espaço físico e real. A metodologia adotada é de base qualitativa e consiste em analisar em um site de turismo e um blog de produção nacional, identidades construídas para a capital maranhense nesses espaços digitais, analisando essas discursividades sob o viés da AD.

Palavras-chave: Mídia. Discurso. Identidade. Heterotopia.

Abstract: In the last years, based on Carvalho (2014), in the Discourse Analysis (DA) area, studies on historical cities have been developing, specially, in discursive processes of identities signification. Therefore, this study goals to identify discourses that constitute the São Luís identities in digital media, also verifying if there is one or more identities for Maranhão, defining it in Foucaultian view, as a heterotopic space, in which identities live together within the same physical and real space. The methodology is qualitative, it analyzing in a tourism site and a national production blog, identities built for Maranhão capital in these digital spaces, analyzing these discursivities by DA ideas.

Keywords: Media. Discourse. Identity. Heterotopia.

1 Introdução

Segundo Irineu (2012), desde a década e 1990 existe uma maneira distinta da sociedade pós-moderna, globalizada e ocidental se relacionar. Não falamos mais apenas das relações sociais face a face, mas das relações que acontecem no espaço virtual. Para o autor, a internet hoje é uma ferramenta não apenas de comunicação, mas uma plataforma na qual sujeitos expõem, inventam, misturam e negociam identidades na rede mundial de computadores, especialmente por meio das mídias digitais e sites de relacionamento.

¹ Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: marcelofabioandrade@gmail.com

² Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: monicasc.cruz@ig.com.br

Dessa maneira, o presente estudo, que tem por objetivo principal identificar identidade(s) atribuídas à capital maranhense no espaço digital, irá analisar pelo viés da Análise do Discurso (AD) francesa quais identidades são atribuídas para São Luís em um site de turismo e um blogue, ambos de produção nacional, selecionados aleatoriamente.

O interesse pela pesquisa surge ao observarmos que na atualidade, como pondera Carvalho (2014), algumas cidades históricas vêm sendo discursivizadas em publicidades (sejam elas impressas, digitais, de circulação nacional, internacional ou mesmo local) como um produto turístico, atendendo assim uma demanda mercadológica.

Silva e Cruz (2017) pontuam que a capital maranhense é discursivizada no espaço digital como uma “cidade da diversidade”, identidade essa que abrange identidades dos povos que colonizaram ou foram colonizados nesta localidade. Para essa apresentação da cidade em meios digitais é importante, no entanto, atentar ao que propõe Gregolin (2007). Segundo a estudiosa da Análise do Discurso, as mídias servem como pontes entre os leitores e a realidade, e essa realidade é sempre uma construção, que permite ao leitor fazer algumas representações da realidade concreta.

2 O aporte teórico

Segundo Irineu (2012), vários autores têm dedicados seus estudos, especialmente da década de 1990 para cá, sobre as novas relações sociais, desta vez em um espaço virtual, não mais físico, face a face. O autor acredita que o modo como concebemos hoje a inserção das ferramentas virtuais em nosso cotidiano nos faz acreditar que identidades – nacionais e linguísticas – são postas, diariamente, em discussão, uma vez que os internautas, sujeitos que navegam pela rede mundial de computadores, por meio de mídias digitais e sites de relacionamentos, demarcam os lugares sociais de onde falam e no seu discurso, vontades de verdade, valores de juízo e ideologias são negociadas ou conflitadas cotidianamente.

Para Irineu (2012), o ciberespaço é caracterizado por dois tipos de sujeitos:

O Ciberespaço durante anos foi caracterizado como um ambiente de agentes livres e de agentes em libertação (LÉVY, 1999). Resguardados os vislumbres da afirmação, este ambiente pode ser visto como um agente de libertação, por permitir que sujeitos diversos exponham seus textos e suas imagens, de todos os tipos, para que circulem em larga escala, pelo mundo todo, no mais das vezes sem qualquer tipo de edição aparente. Vale ressaltar que as restrições de referida afirmação estão mais diretamente centradas no caráter hiperbólico que o termo “libertação” lhe oferece, contribuindo

para a ideia generalizante de Ciberespaço como ambiente para todos, sem que se leve em conta as desigualdades de todos os tipos que o acesso à rede causa e ainda pode causar mundo afora. (IRINEU, 2012, p. 57).

O autor ainda acredita que o ciberespaço, ou “rede”, pode ser pensando, inicialmente, como um meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, a internet. Mas que se trata de um conceito difuso e polissêmico, podendo ser entendido como o resultado de três fatores constitutivos de destaque: a infraestrutura material empregada para seu funcionamento, através das conexões estabelecidas, as informações dispostas no ambiente e os seres humanos envolvidos nos eventos de interação executados (IRINEU, 2012, p.58). Acrescenta ainda que três fatores são os principais responsáveis pelo ‘sucesso’ do ciberespaço na contemporaneidade:

(i) o uso coletivo de novas formas de linguagem no ambiente virtual atravessado por intenções comunicacionais e formações ideológicas específicas, a partir das quais se dá a construção de representações sociais neste contexto; (ii) a abertura de um novo espaço de comunicação, mediante o traçado de novas diretrizes para regras de cooperação comunicacionais; e (iii) a especificidade na produção e na recepção de textos neste ambiente, com o redimensionamento dos papéis e dos perfis dos atores sociais envolvidos em tais enunciações, dado o caráter virtualizado das informações dispostas. (IRINEU, 2012, p. 58).

Dessa maneira, entende-se o ciberespaço como um ambiente não real (virtual), que é habitado por sujeitos sociais e históricos e que negociam as diferenças e semelhanças das suas crenças e identidades.

O presente estudo ancora-se teoricamente em três pilares: os fundamentos da AD, a noção de diversidade e a noção de identidade.

Para o primeiro, rompendo-se com uma visão estruturalista, que se importava com a língua sem levar em consideração elementos externos, temos a AD, que compreende a linguagem como interação social em que o outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo gesto de enunciação num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. (BRANDÃO, 2012, p.8).

Segundo a autora, esse tipo de investigação:

Busca uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora desse polo da dicotomia saussuriana. E essa instância da linguagem é a do discurso. Ela possibilitará operar a ligação necessária entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico a partir do momento em que se sentiu que o “liame que liga as ‘significações’ de um

texto às condições sócio históricas deste texto não é de forma alguma secundário, mas constitutivo das próprias significações”. (BRANDÃO, 2012, p.11).

A linguagem, enquanto discurso, não constituiria um universo de signos cuja função seria a de um instrumento de comunicação ou suporte do pensamento, mas um modo de produção social “que não é neutra, inocente ou natural” (BRANDÃO, 2012, p.11). A linguagem seria então, por natureza, um lugar de conflito, confronto ideológico, não podendo ser apartada do contexto social, uma vez que os processos que a constituem são históricos e sociais.

Já a noção de diversidade adotada neste trabalho está pautada nos estudos de Netto (2017) e Barros (2008, p.18-19). Este último entende a diversidade como “trocas entre sujeitos, grupos sociais e instituições a partir de suas diferenças”, “de suas desigualdades, tensões e conflitos”. Para Netto (2017), a preocupação que o mundo contemporâneo tem com a diversidade é muito ampla, diversas são as áreas que lidam com esse conceito atualmente. O tema circula há muito tempo no Brasil.

Segundo Netto (2012), ele surge a partir da ideia de diferença, já no século XIX, momento em que se materializou sob a égide do discurso do exótico, mas é no século XX que as diferenças são pensadas a partir do discurso da diversidade, dirigindo nosso olhar também para nossas identidades. É principalmente em meados do século XX que o discurso da diversidade ganha força e concorrem para esse fortalecimento fatores como a globalização, com a suposta ameaça da homogeneização das sociedades e das culturas, a qual seria “fruto da imposição e hegemonia de modelos de desenvolvimento de um país sobre outro” (KAUARK; BARROS; TORREÃO; MIGUEZ, 2015). Também corrobora nesse aspecto a emergência de novos olhares sobre os conceitos de cultura e História, logo no início do século XX (CARVALHO, 2009).

A diversidade surge, então, como um assunto extremamente importante não apenas do ponto de vista cultural, mas econômico também, pois muitos países começaram a perceber que as suas diferenças poderiam ser um “negócio” interessante, principalmente porque elas movimentariam o seu setor turístico (e portanto, a economia). Em São Luís, essa relação entre diferenças e economia se dá de forma acentuada na esfera turística, bastando, para isso, lermos sites voltados para esse setor e percebermos o forte apelo às nossas diferenças como um produto a ser consumido.

Por fim, a noção de identidade trazida neste estudo é a de Leffa (2012), segundo o qual a palavra *identidade* se caracteriza por uma ambivalência:

A palavra *identidade* é por si mesma irreconciliável em sua definição (ela mesma é o que não é). Em relação ao sujeito, apresenta duas distinções: uma externa, aquela que separa um sujeito do outro (eu sou o que você não é); e uma interna, dentro do mesmo sujeito (eu sou diferente em diferentes momentos e lugares). Vejamos brevemente cada uma dessas diversidades. Em relação a si mesma, identidade é uma palavra que comporta acepções contraditórias. De um lado, significa a qualidade daquilo que não é diferente, daquilo que é o mesmo, igual, tal qual. Quando dois objetos, duas pessoas, ou dois acontecimentos são totalmente iguais, sem nenhuma diferença entre si, podemos dizer que são idênticos. Por outro lado, identidade pode também significar o contrário, ou seja, aquilo que é diferente, exclusivo, não compartilhado pelo outro. (LEFFA, 2012, p.54).

Tal afirmativa nos faz refletir que a identidade pode significar semelhanças ou mesmo diferenças, já com relação aos sujeitos ela pode adquirir duas instâncias: a) uma *externa*, que diferencia um sujeito do outro; b) uma *interna*, que leva esse sujeito a uma condição de pertencimento ou não a um determinado espaço físico e temporal.

Isso nos leva a pensar nas três dimensões da identidade propostas por Leffa (2012):

a) **Dimensão geográfica:** na qual o autor considera que a nossa primeira cisão acontece durante o parto, onde passamos a ter uma noção de fronteira, uma vez que o nosso corpo já não está ligado ao corpo da nossa mãe, ou seja, é uma separação natural e não voluntária; e uma segunda separação, que acontece no momento em que tomamos consciência de nossa existência e de que não somos extensão de nossas mães, não precisamos ser iguais a ela e nem aos outros sujeitos sociais com os quais temos contato;

b) **Dimensão histórica:** Leffa (2012), acredita no entrosamento entre as dimensões geográfica e histórica, uma vez que as mudanças que ocorrem num determinado espaço também ocorrem num espaço de tempo pontual, dessa forma:

Além da dimensão geográfica, o conceito de identidade pode também ser visto de uma dimensão histórica, em que a variação de ordem espacial é substituída por uma variação de ordem temporal, ou seja, a noção de identidade vai mudando à medida que a história caminha e transforma o entorno, as circunstâncias em que nos situamos. (LEFFA, 2012, p. 64).

O autor ainda observa que existe uma mudança na dimensão histórica: se inicialmente nós pensávamos na identidade como algo sólido, no sentido de que, por exemplo, quando se nascia nobre, morreríamos como nobres e passávamos essa característica aos nossos

descendentes, na modernidade, a identidade se caracterizou pela sua liquidez, na qual, assim como um líquido num recipiente, irá tomar a forma do recipiente e que hoje, na pós-modernidade, caminhamos para uma identidade pulverizada:

Historicamente, já tivemos então uma identidade sólida, passamos depois para uma identidade líquida, mas não paramos aí: a identidade parece estar agora evoluindo para uma identidade em estado de vapor. O sujeito não se constitui apenas em função de um outro, mas de vários outros, fragmentando-se em inúmeras identidades, com a possibilidade de chegar ao nível da pulverização. (LEFFA, 2012, p. 68).

c) **Dimensão dialética:** para o autor, a dimensão dialética tem ênfase na diferença com o outro. Dessa maneira, ele observa que a definição de identidade envolve duas acepções contraditórias: de um lado, a noção de ser idêntico ao outro (eu sou o que você é porque pertencemos à mesma comunidade); e de outro lado, a noção de ser diferente do outro (eu sou o que você não é porque pertencemos a comunidades diferentes) (LEFFA, 2012, p. 20). E dentro dessa contradição existem três possibilidades: a) impor a própria identidade, desqualificando a do outro; b) omitir-se, sob a alegação de que nada há a fazer diante da indolência do outro; c) optar por uma terceira via, sem se impor e sem se omitir, mas negociando a diferença.

3 Metodologia

Para este estudo, o tipo de pesquisa adotada é a de natureza qualitativa, que se caracteriza pela explicação do porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificando os valores e as trocas simbólicas, nem se submetendo à prova de fatos (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Quanto às técnicas de dados, trata-se, inicialmente, de uma *pesquisa cujos corpora* foram retirados de uma dispersão de enunciados encontrados no espaço digital.

Por fim, a técnica utilizada para a análise dos dados coletados foi a de *análise do discurso*, que na visão de Gerhardt, Ramos, Riquinho e Santos (2009), trata-se de:

(...) realizar uma reflexão sobre as condições de produção e apreensão do significado de textos produzidos em diferentes campos, como, por exemplo, o religioso, o filosófico, o jurídico e o sociopolítico. Os pressupostos básicos desta análise podem ser resumidos em dois: (1) o sentido de uma palavra ou de uma expressão não existe em si mesmo; ao contrário, expressa posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico no qual as relações são produzidas; (2) toda formação discursiva dissimula,

pela pretensão de transparência e dependência, formações ideológicas (GERHARDT, RAMOS, RIQUINHO e SANTOS, 2009, p. 85).

4 Resultados

Silva e Cruz (2017) asseveram que no espaço digital, mais especificamente em sites e blogues de turismo nacionais, a cidade de São Luís vem sendo caracterizada como Capital da Diversidade. Nessa discursividade várias identidades são apontadas para a capital maranhense, mas na qual a imagem que aparece com maior força é a de uma Cidade dos Azulejos.

Em relação ao papel das mídias no processo de mediação da realidade Gregolin (2007), observa que nas sociedades contemporâneas o papel delas (das mídias) é o de servir como mediadoras entre o leitor e a realidade, mas essa realidade apresentada aos leitores é uma construção que não representa, de fato, a realidade. Nesse processo, existem muitos atravessamentos de sentidos (políticos, históricos e até econômicos) que levam a realidade a ter um formato e não outro.

Considerando essa observação, optamos por investigar discursos presentes na rede mundial de computadores, mais especificamente em um site de turismo e um blogue (que fala sobre viagens de turismo), ambos de produção nacional, a fim de verificar qual(ais) identidade(s) são atribuídas à capital maranhense, alguns jogos de poderes que se inscrevem nos dizeres que descrevem a cidade. Acreditamos ainda que muitas dessas imagens encontradas nos discursos de sites e blogues voltados para o turismo sejam ecos de outros discursos, que já circulam há algum tempo em nossa sociedade, mas que inseridos em sites de turismo ou enunciados em blogues produzem novos sentidos à cidade.

Assim, selecionamos, para este artigo, o site SLZ Turismo, no qual encontramos muitas identidades atribuídas para a capital maranhense.

A sessão escolhida para a análise está intitulada como “O que fazer em São Luís do Maranhão?”. Nela encontraremos um discurso que irá atribuir algumas identidades para a cidade de São Luís bem como marcas de discursos que se fazem em outros lugares, lugares oficiais, como livros de história do Maranhão, ou não, poemas, canções etc. O primeiro parágrafo da referida sessão destaca:

Entre tantos destinos turísticos pelo Brasil, muitos podem optar por lugares mais diversificados. Uma bela opção para descontrair e conhecer novos lugares é a cidade de São Luís do Maranhão, capital do estado do Maranhão. **Conhecida como a “Ilha do amor” e “Cidade dos Azulejos”, dá pra se ter uma pequena noção de tudo que você está prestes a encontrar numa viagem à cidade.**

Logo no primeiro período é instaurada uma imagem da cidade, que se materializa no sintagma “lugares mais diversificados”. Nesse ponto, podemos ver que a língua e a história se encontram pois o adjetivo “diversificados” faz ecoar sentidos diferentes, pois o “diversificado” pode se referir tanto ao lugar em si como às coisas que ele oferece. Nessa palavra, inscreve-se, uma noção de diversidade que o mercado turístico busca promover, uma diversidade que se faz na ideia da diferença. Segundo Netto (2012) o discurso do diverso é relativamente recente, datado do século XIX:

No século XIX a diferença fora construída a partir da organização do exótico. (...) Na contemporaneidade (...) o mundo perde seu centro e as relações entre externo e interno não mais podem organizar um discurso, sendo esse percebido na diversidade. O discurso da diversidade, portanto, surge na contemporaneidade como forma de ordenar o diferente a partir de bases concretas na sociedade, mas também por interrelações entre enunciados específicos. (NETTO, 2012, p.7)

O autor também salienta que no Brasil o discurso da diversidade passou a ser mais difundido e as minorias sociais passaram a perceber a sua presença e importância na sociedade a partir de vários acontecimentos:

A diversidade se tornou objeto de acordos internacionais, como a Convenção para Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais da UNESCO, de 2005. Também se tornou mote de promoção cultural de países, como é o caso do Brasil que, em 2006, em seu programa patrocinado pelo Ministério da Cultura ocorrido durante o Mundial de Futebol da Alemanha, se declarou o “país da diversidade”. (NETTO, 2012, p.15).

Assim, tratar de diversidade cultural implica em falar de identidade. Por isso, o enunciado acima destaca algumas diferentes identidades da cidade de São Luís, que lhe dão uma forma de ser única, diferente, segundo o anúncio. No segundo parágrafo, do site SLZ Turismo, encontramos enunciados que nos dão um panorama do universo cultural da cidade:

Contando com **manifestações culturais muito acentuadas**, principalmente ligadas ao estilo afro-indígena, **a cidade aflora nas festas de Junho**, com o bumba-meu-boi, o tambor de Crioula e o Cacuriá. **Seu alto patrimônio cultural conserva diversidade nacional e regional do país**, relacionando sua arquitetura às cidades europeias que foram responsáveis pela colonização da região.

Neste trecho, são contempladas as culturas que formam a base da cultura brasileira: povos indígenas, africanos e europeus. Todavia, merece destaque o fragmento “manifestações culturais muito acentuadas, principalmente ligadas ao estilo afro-indígena, a cidade aflora nas festas de Junho”. Se inicialmente os enunciados do site SLZ Turismo versam sobre a diversidade da cidade, agora, essa diversidade é “acentuada”, especialmente pela sua matriz cultural afro-indígena, durante o período do festejo junino.

O que se pode depreender no segundo parágrafo, com o verbo “aflora”, é que a capital maranhense só se torna visível, só emerge e, portanto, só pode ser apreciada, durante o período da festa de São João, no qual o leitor - turista (em potencial) - poderá contemplar as manifestações culturais de todas as matrizes raciais que compõem a cidade: de um lado “bumba-meu-boi, o tambor de Crioula e o Cacuriá”, relativos à cultura afro-indígena; e de outro, porém no mesmo espaço físico, já que a sessão versa do que fazer no Centro Histórico, temos a arquitetura europeia “responsável pela colonização da região”.

Neste ponto ficam implícitos os jogos de poderes (econômicos, políticos) e os efeitos de sentido que o sujeito discursivo aciona ao colocar a capital maranhense como um lugar diferente, de alto valor cultural e diversificado, que todavia tem um período mais apropriado para visitação, o qual seria durante o mês de junho, por conta das festividades que só podem ser encontradas no Nordeste Brasileiro. Ao dar essa informa o, o sujeito que enuncia no texto põe o turista em uma ordem (econ mica e histórica) que (in)forma a cidade e o olhar sobre ela. Isso tudo se estabelece nesse espaço social de intera o que   a linguagem, a qual atinge cada vez mais leitores no suporte virtual.

Já o blogue *Carpe Diem* traz um discurso que marca bem a visão do outro sobre a cultura local, uma vez que o sujeito que enuncia nesse texto se mostra como alguém que reside na região sul do país (em Curitiba). Assim:

Quando decidimos passar um final de semana em São Luís, todos me alertavam: **S  use a cidade como chegada ou saída para Barreirinhas** (cidade base para conhecer Len ois Maranhenses). Então explicávamos que não teríamos tempo, pois seria realmente apenas um final de semana, dai a primeira rea o era: **Não tem nada para conhecer, não visite, a cidade   feia, o centro histórico mau cuidado (sic.)**. Mas estávamos decididos: tínhamos milhas, hospedagem e até mesmo pontos para 2 diárias de carro na Localiza e muita vontade **de conhecer um lugar novo no Nordeste**, fugindo desse frio que estava fazendo em Curitiba.

Neste primeiro parágrafo selecionamos alguns enunciados que devem ser discutidos. O primeiro deles é a imagem que a capital maranhense provavelmente demonstra para os brasileiros que vivem no Sul e Sudeste do país: uma cidade “feia” e “mal cuidada” que deve ser utilizada apenas como porta de entrada e saída para conhecer os Lençóis Maranhenses. É interessante perceber nesse enunciado que este sujeito pediu aconselhamentos a amigos que aqui já estiveram e que, provavelmente, deve ter feito alguma consulta prévia na internet, já que não comete o equívoco – que inclusive está presente no site SLZ Turismo – em pensar que os Lençóis Maranhenses são encontrados em São Luís.

O segundo ponto que merece destaque diz respeito à falta de conservação do Centro Histórico da cidade. A turista sulista, com base em discursos de outras pessoas, evoca uma imagem de uma São Luís desleixada, que se encontra a mercê do descaso do poder público. O último ponto deste primeiro parágrafo que merece destaque é o que coloca São Luís como um “lugar novo” a ser conhecido no Nordeste e nesse aspecto o novo remete ao sentido de que ainda não foi devidamente explorado pelo turismo.

Sobre a sua experiência na cidade, a blogueira assevera:

Lembra lá no começo que todo mundo disse que não era legal? Então nós não poderíamos discordar mais. As casas com azulejos portugueses são incríveis, os casarões, mansões, solares, conventos, igrejas todas lindas. **Sim, é verdade que tem muitos casarões tombado pelo IPHAN que estão caindo, o que realmente é uma pena, mas até isso fica fotogênico na cidade.** (...)

Neste fragmento fica marcado que houve uma certa propaganda de conscientização a não vir para a cidade, deixando que o turista pensasse que passar pela cidade fosse um grande equívoco, mas que chegando aqui, pode experimentar uma cidade histórica e que mesmo com seus problemas estruturais, como algumas construções tombadas pela UNESCO estarem caindo, descuidadas pelo mesmo poder que outrora passou duas décadas para conseguir o título de Patrimônio da Humanidade, que até esse descaso deixa cidade interessante nas fotos. Observe-se, contudo, nessa construção textual que ainda que elogie a cidade, o enunciador não deixa de revelar os problemas que o Centro histórico de São Luís tem “(...) Sim, é verdade que tem muitos casarões tombado pelo IPHAN que estão caindo, o que realmente é uma pena (...)” e esse problemas também constituem uma identidade do local.

Uma memória que não foi evocada pelos discursos já vistos neste estudo, que consideramos ser de nativos maranhenses e ludovicenses, foi a da faixa litorânea da capital maranhense e que é citada no blogue em análise:

É claro que é uma daquelas cidades, como poucas no nordeste, que não é para esperar praias bonitas de águas cristalinas e mar verdinho, mas para quem gosta de cultura e história a cidade é um prato cheio.

Apesar das praias não serem o ponto principal da cidade, o vai e vem da maré traz paisagens bem legais. Na maré baixa a faixa de areia fica imensa, com algumas piscininhas naturais pela areia que fica uma delícia de relaxar com o calor escaldante que faz por lá (lembrando minha gente que moro na fria e gelada Curitiba, então 35°C que estava fazendo por lá era demais para mim) e mar bem calminho, sem onda alguma.

Neste fragmento temos vozes que precisam ser analisadas: uma delas diz respeito a uma discursividade que construiu uma memória para as praias do Nordeste do Brasil como espaços paradisíacos, e essa memória é a que povoa propagandas turísticas de todo litoral nordestino. Nesse ponto vale destacar então a falta de informação da turista em relação ao tipo de bacia hidrográfica da cidade – em muitos lugares margeada por mangue –, que interfere na cor das águas praianas da cidade.

Dessa maneira, a cidade de São Luís vai sendo produzida por essas impressões, esses enunciados eivados de memórias e histórias, mas também formados por elementos de cunho econômico, os quais só vão apresentar características que interessam a sociedade de um dado momento conhecer. Há nesses enunciados a produção de uma cidade que se destaca pela multiplicidade de identidades, a qual por isso pode ser pensada como um lugar heterotópico (FOUCAULT, 2001), lugar onde identidades e sujeito múltiplos dialogam e duelam incessantemente.

5 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo principal identificar procedimentos enunciativos e discursivos que constroem o discurso de cidade da diversidade para São Luís do Maranhão, analisando, também, os sentidos atribuídos à diversidade afirmada para a capital maranhense no espaço digital.

Conforme exposto durante o presente estudo, vimos que o ciberespaço tem sido objeto de estudo de muitos teóricos, especialmente dos anos de 1990 para cá, visto a importância na investigação da maneira como os atores sociais da contemporaneidade se relacionam no espaço virtual.

Vimos que os espaços digitais (site e o blogue) analisados versam sobre o turismo na cidade mostrando identidades positivas e negativas. Segundo Carvalho (2014), São Luís vem sendo apresentada pelas mídias como uma capital da diversidade cultural, conferindo assim uma característica peculiar à capital maranhense, um lugar real, físico em que nele vivem várias identidades que as vezes podem ser conflitantes ou não. Há nos textos analisados uma produção de uma cidade que é múltipla de identidades, a qual por isso pode ser pensada como um lugar heterotópico (FOUCAULT, 2001), lugar concreto, onde identidades e sujeito múltiplos dialogam e duelam incessantemente.

A diversidade que permeia os discursos analisados se erige, portanto, no entremeio do que é bom e do que não é para o turista apreciar. Os textos analisados demonstram assim a necessidade de pensarmos as identidades locais a partir de ferramentas digitais cujo alcance, com o desenvolvimento das tecnologias de informação tendem a ser cada vez maior.

Referências

A Cidade. Disponível em: < <https://www.saoluis.ma.gov.br/pagina/54/>>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

Blogue Carpe Diem. Disponível em: < <http://carpediemblog.com.br/2013/10/sao-luis-do-maranhao/>>. Acesso em: 22 de março de 2016 .

BRANDÃO, Helena Harhue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 3ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2012.

Breve histórico. Disponível em: < <https://www.saoluis.ma.gov.br/pagina/55/>>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

CARVALHO, Conceição Belfort. **O discurso resignificando o espaço da cidade.** In: CRUZ, Mônica da Silva, CUTRIM, Ilza Galvão e CABRAL, Luís Rodolfo (org). Discursos, sujeitos e sentidos: perspectivas identitárias. Curitiba, PR: CRV, 2014.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso:** reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2008.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTA, M. B. (Org). **Michel Foucault e a Estética:** literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3, p. 411-422.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Análise do discurso e mídia:** a (re)produção de identidades. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo v.4, n.11, p.11-25, 2007.

IRINEU, Lucineudo Machado. **Representações sociais sobre a latinidade em sites de redes sociais contemporâneas:** uma investigação discursivo-ideológica situada no orkut. 2011. 210 f. ; 31 cm. Dissertação (mestrado em linguística). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística.

LACROIX, Maria de Lourdes Luande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos.** 2. e.d. rev. e ampliada – São Luís, Lithograf, 2002.

LE GOFF, J. **História e memória.** 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LEFFA, Vilson J. Identidade e aprendizagem de línguas. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F.G.; KANEKO MARQUES, S.M.; SALOMAO, A. C. B.. (Orgs.). **A Formação de Professores de Línguas-Novos Olhares,** Vol. 2. São Paulo: Pontes, 2012, v. 1, p. 51-81. **Maranhão.** Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maranh%C3%A3o> >. Acesso em: 22 de julho de 2017.

NETTO, Mighel Nicolau. **O discurso da diversidade:** a definição da diferença a partir da world music. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia da Unicamp, 2012. **O que fazer em São Luís do Maranhão?** Disponível em: < <http://www.slzturismo.com.br/o-que-fazer-em-sao-luis-domaranhao/>>. Acesso em: 22 de março de 2016.

São Luís. Disponível em: < <https://www.saoluis.ma.gov.br/pagina/47/>>. Acesso em: 13 de julho de 2017.

SILVA, Marcelo Fábio Peixoto de Araujo Andrade da e CRUZ, Mônica da Silva. **Ressignificações da cidade de São Luís no espaço digital:** identidade(s) em (dis)curso. In: Franco Baptista Sandanello et all. (org.). Anais do 1º Congresso Internacional de Letras (Bacabal, MA). São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017. 1870 p.

Littera Online

Edição especial, vol. 9, 2018

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão